

Universidade avança em rankings do Brasil e do exterior

Avaliada por critérios como número de prêmios internacionais recebidos por ex-alunos e professores e número de egressos ocupando posições de liderança em grandes empresas (que, juntos, correspondem a 75% da nota para classificação), a UERJ atingiu em 2014 a 8ª colocação entre as universidades brasileiras na classificação organizada pelo Center for World University Rankings (CWUR). No Ranking Universitário Folha, a UERJ avançou em qualidade de pesquisa e internacionalização, dois dos cinco critérios utilizados em 2014. O desempenho contribuiu para que a Universidade subisse da 13ª para a 12ª colocação nos dois pontos em 2013 e para a 8ª e a 6ª colocação em 2014. > Páginas 14 e 15

Barco de pesquisa da Oceanografia entra na etapa de finalização



A embarcação destinada a pesquisas e trabalhos acadêmicos da Faculdade de Oceanografia da UERJ, está em processo de conclusão, atualmente com previsão de entrega em março de 2015. O valor total previsto para a construção do navio, bem como a aquisição e instalação de equipamentos oceanográficos específicos para a demanda de pesquisa, deverá superar R\$ 7 milhões, com recursos da FINEP, da FAPERJ e da UERJ. O barco está sendo finalizado no estaleiro da Indústria Naval do Ceará (Inace), a mesma empresa que construiu a embarcação da Universidade de São Paulo – a primeira do Brasil para a pesquisa oceanográfica universitária. > Página 11

Obra na Estrada-Parque Paraty-Cunha tem participação de pesquisadores da área ambiental

Em trabalho que envolve monitoramentos, estudos e pesquisas para preservar o ecossistema do Parque Nacional da Serra da Bocaina, a Universidade do Estado do Rio de Janeiro participa da direção da gestão ambiental na obra de 9,5 quilômetros na Estrada-Parque Paraty-Cunha (RJ 165), realizada pelo governo do estado do Rio de Janeiro, que deve estar pronta em 2015. No total, são 47 quilômetros de estrada ligando a cidade de Paraty, na região da costa verde do estado do Rio de Janeiro, ao município de Cunha, no estado de São Paulo. A construção da Estrada-Parque é considerada uma obra diferenciada se comparada à construção de outras rodovias, pois acontece no interior de uma área que demanda cuidados ambientais. > Páginas 6 e 7



Inauguração do Pêndulo de Foucault na UERJ - Prova do movimento de rotação da Terra

Local: Hall principal, térreo do Pavilhão João Lyra Filho, *campus* Maracanã. Terça-feira, dia 14 de outubro de 2014, às 11h.

Editais de extensão

Das 85 propostas aprovadas em 2014 no edital do Programa Apoio a Projetos de Extensão e Pesquisa da FAPERJ, 20 são da UERJ, que liderou em número de projetos aprovados. A UFRJ ficou em segundo lugar e a UFF em terceiro.

> Página 3



UERJ Sem Muros 2014

Uma comparação entre 2012, quando 1.947 trabalhos foram inscritos, e 2014, com 2.242 inscrições distribuídas nas cinco mostras que constituíram a programação, mostra um crescimento superior a 15%.

> Páginas 8 e 9

Manguezal em Guaratiba

Pesquisadores do NEMA/UERJ que investigam o manguezal da Reserva Biológica Estadual de Guaratiba constataram que a sua migração para o continente ocorreu pela elevação do nível do mar causada pelas mudanças globais no clima.

> Páginas 12 e 13

> EDITORIAL

Movimentos ascendentes

Este número do *UERJ em Questão* mostra os avanços da Universidade em sistemas de avaliação nacionais – como o Ranking Universitário Folha – e internacionais – como o Ranking Web of Universities (*Webometrics*), o QS University Rankings, e o Center for World University Rankings, que mostram o crescimento da Universidade principalmente nas áreas de pesquisa e internacionalização. Por outro lado, dados da 25ª edição do UERJ sem Muros, realizada este ano entre os dias 22 e 26 de setembro, mostram o crescimento das atividades de graduação, pós-graduação e extensão na Universidade: de 1.947 trabalhos inscritos no evento em 2012 passou a 2.242 inscrições nas cinco mostras da programação em 2014, o que representa um crescimento superior a 15%.

Outro resultado positivo para a Universidade foram as 20 propostas aprovadas no edital 2014 do Programa Apoio a Projetos de Extensão e Pesquisa da FAPERJ (com execução prevista para 2015), que colocou a UERJ liderando em número de projetos contemplados. As outras duas instituições públicas que tiveram projetos aprovados no edital foram a Universidade Federal do Rio de Janeiro em segundo lugar, com 19 projetos aprovados, e a Universidade Federal Fluminense em terceiro lugar, com 16 projetos.

Duas atividades de pesquisa são destacadas neste número do *UERJ Em Questão*: um deles é o trabalho de gestão ambiental na obra de 9,5 quilômetros da Estrada-Parque Paraty-Cunha (RJ-165) realizada pelo governo do estado do Rio de Janeiro. A tarefa envolve monitoramento, estudos e pesquisas para preservar o ecossistema do Parque Nacional da Serra da Bocaina e participam da obra cerca de 60 profissionais da Universidade entre professores, pesquisadores e auxiliares das áreas de engenharia civil e ambiental, arqueologia, biologia e educação ambiental. A outra atividade de pesquisa se desenvolve na Reserva Biológica Estadual de Guaratiba, localizada na Baía de Sepetiba e distante cerca de 70 quilômetros da capital. A área foi selecionada em 1998 pelos pesquisadores do Núcleo de Estudos em Manguezais (NEMA/UERJ) como campo de estudo permanente, sobretudo pela sua proximidade com o *campus* principal da UERJ. Até hoje é o único manguezal do Brasil monitorado detalhadamente por mais de 15 anos, por isso o modelo de estudo ali desenvolvido tem sido aplicado em outras áreas de monitoramento no estado do Rio de Janeiro, incluindo a Baía de Guanabara, e na extensão do litoral de Santa Catarina até o Pará.

Aqui também podem ser encontradas informações sobre a construção do barco da Oceanografia, no estaleiro da Indústria Naval do Ceará (Inace), a mesma empresa que construiu a embarcação da Universidade de São Paulo – a primeira do Brasil para a pesquisa oceanográfica universitária.

A fim de colaborar com o gerenciamento estratégico da Universidade, o Departamento de Inovação, que integra a estrutura da Sub-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, desenvolveu uma nova metodologia de apresentação gráfica, os Núcleos de Referência (NR), que geram informações estratégicas e permitem avaliar as necessidades da Universidade, dos Centros Setoriais e laboratórios.

Desejamos a todos uma boa leitura.

UERJ ocupa pela segunda vez presidência do Fórum de Pró-Reitores de Extensão

Na reunião do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (Forproex), realizada entre 21 e 23 de maio em Belém (PA), a UERJ assumiu pela segunda vez a presidência do Fórum com a eleição da professora Regina Henriques, Sub-reitora de Extensão e Cultura, para mandato de um ano, renovável pelo mesmo período. O vice-presidente eleito foi o professor Fernando Arthur de Freitas Neves, da Universidade Federal do Pará. A UERJ esteve pela primeira vez à frente da direção nacional do Fórum em 1994, ano em que foi eleito para o cargo o Reitor Ricardo Vieirals, então Sub-reitor de Extensão e Cultura.

O Forproex é uma entidade direcionada à articulação e definição de políticas acadêmicas de extensão. Fazem parte do Fórum os pró-reitores de extensão de todas as universidades e institutos de ensino superior público federal, estadual e municipal. Entre os objetivos do Fórum, a professora Regina Henriques destaca a apresentação de políticas e de diretrizes básicas para o setor, “que permitam a institucionalização, a articulação e o fortalecimento de ações comuns das pró-reitorias de extensão e o incentivo ao desenvolvimento da informação, avaliação, gestão e divulgação das ações extensionistas nas instituições”. O Fórum é dirigido por uma coordenação nacional eleita anualmente nas reuniões que ocorrem no primeiro semestre, composta pelo presidente, pelo vice-presidente, por coordenadores de cada uma das cinco regiões brasileiras e por coordenadores temáticos das áreas de cultura, comunicação, direitos humanos e justiça, educação, meio ambiente, tecnologia e produção, trabalho e saúde.

O Forproex foi responsável pela elaboração do primeiro Plano Nacional de Extensão Universitária em 1988, documento adotado pelo MEC que estabelece as diretrizes para a extensão universitária no Brasil. Nas primeiras décadas de 2000, o Forproex produziu um novo documento com a revisão do Plano Nacional de Extensão Universitária de 1988 a partir do contexto histórico e político da educação no país e dos novos desafios da extensão, que também adotado pelo MEC. Hoje, segundo a professora Regina Henriques, frentes de trabalho constituídas no Fórum examinam aspectos relacionados à área de extensão, entre os quais o seu reconhecimento como atividade acadêmica, compondo com a pesquisa e o ensino a tríade que justifica a existência das universidades: “Como está na Constituição, esse trabalho precisa ser indissociável, deve haver o reconhecimento da extensão com definição de carga horária, de recursos financeiros e de garantias para que as ações extensionistas possam acontecer em todas as instituições universitárias públicas do país e com o mesmo peso das demais áreas da

atividade acadêmica”. Outra frente de ação do Forproex trata de uma lei para a extensão. Uma legislação própria permitirá a possibilidade de pagamento de bolsas de estudo para alunos, bolsas de produtividade para professores com projetos avaliados e apoio às instituições para que façam valer o papel da extensão. O projeto de lei está em tramitação no Congresso Nacional e aguarda a aprovação de outra lei, a da Educação: “Uma depende da outra”, diz a professora. “Partimos do entendimento de que a Lei da Educação deve abranger a da extensão”.

Regina Henrique começou a participar do Forproex em 2008, quando assumiu a Sub-reitoria de Extensão e Cultura da UERJ: “Naquela época o Fórum se reunia apenas uma vez por ano e nesse único encontro precisávamos discutir todas as propostas e também eleger a próxima gestão. Muitas vezes não nos conhecíamos direito, mas pelo pouco tempo dos encontros era preciso eleger o presidente e o vice. Em 2009, quando estava na coordenação da região Sudeste, encaminhamos à presidência nacional o pedido de que tivéssemos pelos menos dois encontros por ano – assim poderíamos ter material de trabalho para o encaminhamento político das demandas da extensão universitária. A proposta foi aceita e a partir de 2010 começamos a ter dois encontros anuais. Agora, na primeira reunião do ano elegemos os próximos coordenadores”.

Desde a criação do Fórum, em 1987, as universidades federais estiveram na direção nacional. Daí a relevância, para Regina Henriques, de a UERJ estar na presidência do Forproex, que também representa o reconhecimento do trabalho desenvolvido: “A nossa chapa foi eleita por unanimidade. Tivemos a confiança de todos os parceiros do Forproex e isso foi marcante. Em 2011 organizamos uma grande frente das universidades estaduais e municipais para debater as nossas questões, que muitas vezes ficavam de fora porque o MEC se relacionava apenas com a Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes). Não conseguíamos fazer chegar ao Ministério as demandas que eram próprias das universidades estaduais e municipais”. A partir desse movimento foram criados dois grupos de trabalho: um no Forproex, com a garantia de que as chapas candidatas à presidência incluíssem sempre a presença de representantes das instituições estaduais e municipais. O outro grupo de trabalho foi criado na Associação Brasileira dos Reitores das Universidades Estaduais e Municipais (Abruem), como maneira de fortalecer no MEC o conhecimento sobre a extensão nas instituições municipais e estaduais. Atualmente o MEC possui um edital específico para a extensão, o Proext, com recursos que chegam hoje a R\$ 84 milhões por edital.



Reitor: Ricardo Vieirals Vice-Reitor: Paulo Roberto Volpato

Diretoria de Comunicação Social • Direção: Sonia Virgínia Moreira UERJ em Questão – Edição de texto: Sonia Virgínia Moreira Pauta e redação: Graça Louzada Reportagem: Fausto Jr., Lorena Forti, Mirella Arruda e Ricardo Nicolay Apoio: Andréia Rêgo e Priscila Domingues Fotos: Thiago Facina Projeto Gráfico e Editoração: Rafael Bezerra

Tiragem: 10.000 exemplares Impressão: Infoglobo • Contatos: 21 2334-0638 e comuns@uerj.br

The typeface Ingleby is designed by David Engelby and is available at dafont.com. David Engelby has the creative, intellectual ownership of the original design of Ingleby

Universidade lidera ranking de projetos contemplados em edital de extensão

Desde o lançamento em 2010 do Programa Apoio a Projetos de Extensão e Pesquisa pela FAPERJ, esta é a segunda vez que a Universidade lidera o ranking de projetos contemplados. Das 85 propostas aprovadas no edital de 2014 (com execução prevista para 2015), 20 são da UERJ, conforme lista divulgada em julho no *site* da Fundação. Outras duas instituições públicas tiveram aprovados no edital: a Universidade Federal do Rio de Janeiro, em segundo lugar, com 19 projetos aprovados, e a Universidade Federal Fluminense, em terceiro, com 16. A UERJ havia liderado o ranking em 2010, com aprovação do mesmo número de projetos (20), e ficou em segundo lugar em 2012, com 19 projetos aprovados.

O objetivo do Programa é promover projetos de extensão que estabeleçam conexões com a pesquisa científica ou com o desenvolvimento tecnológico, de modo a fortalecer a ação transformadora

da pesquisa sobre problemas sociais e ambientais e incentivar o diálogo entre pesquisadores e sociedade. Para isso, o edital disponibilizou R\$ 3 milhões em 2014, que serão distribuídos de acordo com as solicitações entre as seguintes faixas: A, cujos projetos receberão recursos financeiros entre R\$ 50.001 e R\$ 100 mil, e B, cujos projetos receberão recursos financeiros até R\$ 50 mil.

Segundo a professora Regina Henriques, Sub-reitora de Extensão e Cultura e atual presidente do Fórum de Pró-reitores de Extensão (FORPROEX), o Programa é uma conquista importante para a extensão universitária: “Em 2009, quando ocupei a função de coordenadora da região sudeste do Fórum, propusemos ao presidente da FAPERJ, professor Ruy Marques, que a Fundação experimentasse um edital especialmente voltado para projetos de extensão – assim foi criado o Programa, associando

a extensão à pesquisa. O primeiro edital em 2010 foi bem-sucedido, considerando o número e a qualidade dos projetos, se consolidou e agora ocorre bianualmente. O apoio da FAPERJ foi fundamental, porque havia uma carência de apoio financeiro para as atividades de extensão em âmbito estadual. O nível das propostas para o Programa de Extensão Universitária (PROEXT, nacional) era elevado e deixava de fora propostas muito boas, que também mereciam apoio”.

Esse Programa de alcance nacional foi criado em 2003 pelo Ministério da Educação para apoiar as instituições públicas de ensino superior no desenvolvimento de programas ou projetos de extensão que contribuíssem para o desenvolvimento de políticas públicas, sobretudo aquelas de inclusão social. No edital 2014, foram contemplados três programas e sete projetos da UERJ. Para a Sub-reitora Regina Henriques, a

continuidade do edital tem sido importante para o fortalecimento da extensão nas universidades: “O PROEXT nasceu voltado para o tema da cultura. Com o passar do tempo, foi se estendendo para outras sete áreas da extensão – comunicação; educação; direitos humanos e justiça; tecnologia e produção; trabalho, cultura, meio-ambiente e saúde. Outros ministérios também se associaram, entendendo a extensão como viés universitário adequado para a implementação de políticas públicas em âmbito nacional. Era o apoio financeiro que faltava para que a extensão realmente se institucionalizasse, alicerçando esse tipo de ação acadêmica que incentiva o diálogo entre a universidade e os diversos espaços sociais, que fortalece o ensino e a produção de conhecimento e que torna a universidade mais presente e mais sensível às questões do seu entorno, da região à qual pertence”.

RESULTADO UERJ - EDITAL FAPERJ Nº 16/2014

PROGRAMA APOIO A PROJETOS DE EXTENSÃO E PESQUISA 2014

SOLICITANTE		TÍTULO DO PROJETO
Alexandre de Freitas Azevedo	Depto de Oceanografia Biológica	Programa InforMAR: extensão e pesquisa nas comunidades costeiras do Estado do Rio de Janeiro
Anna Paula Uziel	Depto. de Psicologia Social e Institucional	Sexualidade e adolescência na contemporaneidade
Branca Regina Cantisano dos Santos e Silva	Depto. de Ciências Administrativas	Imposto de renda 2015 na Mangueira e arredores
Cíntia Barros Santos Rebouças	Depto. de Biologia Celular e Genética	Extensão, pesquisa e desenvolvimento tecnológico integrados para o diagnóstico genético de doenças neurológicas de alta prevalência
Daniel Antonio de Moraes Sarmento	Depto. de Direito do Estado	Clínica de direitos fundamentais da faculdade de direito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Flavia Porto Melo Ferreira	Universidade Aberta da Terceira Idade	Academia da terceira idade na UERJ: implementação do projeto, perfil de usuários e características ergonômicas de equipamentos
Flávia Venâncio Silva	Depto. de Ciências	Articulando universidade e escolas no Leste Metropolitano Fluminense: promovendo diálogos através de projetos de extensão em interface com a pesquisa em ciências biológicas
Guilherme Silva de Almeida	Depto. Fundam. Teórico-Práticos do Serviço Social	Fortalecimento da rede de atendimento a “Pessoas Trans” no Estado do Rio de Janeiro
Inês Barbosa de Oliveira	Depto. de Estudos Aplicados ao Ensino	Educação cidadã, justiça cognitiva e práticas emancipatórias nas escolas: contando e ouvindo histórias de professores
Isabela Nascimento Frade	Departamento de Ensino de Artes e Cultura Popular	Arte viva na via UERJ Mangueira - poéticas relacionais e narrativas comuais
José Ribamar Bessa Freire	Depto. Estudos de Educação Inclusiva e Continuada	Observatório da presença indígena no estado do Rio de Janeiro
Luciana Moura Sassone	Depto. de Procedimentos Clínicos Integrados	Atendimento interdisciplinar ao paciente portador de trauma dental: seu tratamento, preservação e, aspectos epidemiológicos e microbiológicos
Marcelo Ernandez Macedo	Depto. de Relações Públicas	Mídia em Movimento
Maria Helena Faria Ornellas de Souza	Depto. de Patologia e Laboratórios	Ensino de saúde e aprendizagem significativa no ensino fundamental e médio no Rio de Janeiro.
Maricélia Andrade Bispo	Inst. de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira	Atores são heróis - um processo de construção da máscara a partir de objetos cotidianos com a Companhia Teatral Nosconosco
Marilda Rosado de Sá Ribeiro	Depto. de Direito Civil	Responsabilidade jurídica socioambiental de empresas dos setores químico e petroquímico na Baixada Fluminense como vetor de mudanças organizacionais voltadas para o desenvolvimento sustentável
Marília de Brito Gomes	Depto. de Medicina Interna	Diabetes & vida: um programa de conscientização de diabetes para pacientes, familiares e comunidade
Paulo de Tarso Veras Farinatti	Depto. de Ciências da Atividade Física	Programas e ações extensionistas voltadas à promoção da saúde e qualidade de vida do Instituto De Educação Física e Desportos/UERJ
Silvia Dias Pereira	Departamento de Oceanografia Geológica	Espaço Ciência /UERJ Sem Muros
Vânia Morales Sierra	Depto. de Política Social	Análise georreferenciada da situação da saúde e socioassistencial em territórios estratégicos do estado do Rio de Janeiro

Parceria com o IPHAN faz inventário da Folia de Reis no interior do estado

Em todas as semanas do mês de agosto a UERJ – por meio do Departamento Cultural, vinculado à SR-3 – participou em Itaperuna, no noroeste fluminense, de exposições, seminário e oficinas sobre a Folia de Reis. A presença da Universidade é resultado da parceria com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, que há três anos organiza o inventário das Folias de Reis no estado, um projeto para o qual o Instituto não tinha técnicos com conhecimento específico.

As Folias de Reis são grupos devocionais que todos os anos, na época do Natal, saem (por promessa e devoção) encenando a história dos Reis Magos que vão a Belém conhecer o menino Jesus. Nas Folias, os grupos conduzem uma bandeira com a imagem dos santos reis, da manjedoura e de Cristo: vão de porta em porta e pedem licença para entrar nas casas. O devoto que recebe a bandeira considera que ela estará abençoando a sua casa durante o ano. A Folia de Reis é uma manifestação cultural bastante frequente nos estados do Rio

de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais e parte do estado de São Paulo, apesar de estar presente em outras regiões do país.

O diretor do Decult/SR-3, professor Ricardo Lima, explica que no Rio de Janeiro “há uma coisa curiosa: normalmente, o ciclo do grupo vai de 24 de dezembro, véspera de Natal, até 6 de janeiro, dia de Reis, data que encerraria o ciclo da caminhada dos Reis Magos. Mas no nosso estado os grupos mudam a figura da manjedoura e acrescentam São Sebastião: assim seguem cantando a saga de São Sebastião até 20 de janeiro, dia do santo padroeiro da cidade do Rio, mas que se espalhou por todo o estado”.

O projeto do inventário das Folias começou nos 15 municípios que fazem parte do patrimônio histórico do estado, mas na exposição em Itaperuna os integrantes do projeto na UERJ confirmaram a importância dessa manifestação cultural no noroeste fluminense. Segundo o diretor do Decult/SR-3, a região “é um celeiro de Folias de Reis: Itaperuna tem



oito Folias, Muriaé e Miracema têm dez Folias cada uma. Existe uma grande tradição de Folia de Reis que ficava fora do inventário porque nenhuma delas estava entre os 15 municípios históricos situados nas regiões de Angra dos Reis, Paraty, Cabo Frio, Vassouras e em municípios marcados pelo princípio da colonização

do estado”. Depois do evento em agosto, a equipe da UERJ recebeu pedidos de secretários de cultura para que o noroeste do estado também estivesse contemplado no inventário dos municípios com a presença de Folias de Reis. A proposta do inventário é que a festa seja registrada como Patrimônio Material Brasileiro.

Jovens e adolescentes em comunidades pacificadas recebem ações do NESA

Trabalhando de forma integrada o ensino, a pesquisa e a assistência à saúde, o Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente (NESSA-UERJ) iniciou no segundo semestre de 2014 uma série de ações nas comunidades de Borel/Formiga, Cidade de Deus, Alemão, Jacarezinho e Manguinhos que incluem cursos de capacitação para profissionais de saúde e oficinas temáticas para jovens de 15 a 29 anos. As atividades fazem parte de convênio entre a Universidade e a Secretaria de Estado de Assistência Social e Direitos Humanos, por meio do programa ‘Caminho Melhor Jovem’, que oferece oportunidades para jovens e se desenvolve em territórios onde há Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs).

Fernanda Graneiro, coordenadora de Atenção Primária no NESA diz que a proposta das oficinas ‘Jovem para Jovem’, por exemplo, é “abordar temas pertinentes ao universo dos jovens, como sexualidade, drogas, família, trabalho e violência”. Até dezembro está prevista a realização



PROGRAMA ‘CAMINHO MELHOR JOVEM’

O Programa do governo do estado do Rio de Janeiro com apoio do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) tem como meta a inclusão social e a oferta de oportunidades para jovens de 15 a 29 anos, moradores de territórios com Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs). Administrado

pela Secretaria de Estado de Assistência Social e Direitos Humanos, pretende construir uma trajetória formativa dos jovens e criar estratégias de promoção de serviços e oportunidades que atendam suas demandas e contribuam para o seu desenvolvimento pessoal e profissional.

Como participar

Os jovens de territórios com UPPs devem procurar os Centro de Referência da Juventude para se inscrever. As inscrições estão abertas em Manguinhos e na Cidade de Deus nos seguintes endereços e horários de atendimento:

Manguinhos: Avenida Dom Hélder Câmara, nº 1.184, Benfica. Horário de atendimento: segunda a sexta-feira das 10h às 19h e sábados das 10h às 16h.

Cidade de Deus: Rua Jose Arimatéia, nº 80, Cidade de Deus. Horário de atendimento: segunda a sexta-feira das 9h às 20h.

A partir desse projeto, a UERJ constituiu um acervo de máscaras de palhaços de Folias, que gerou uma exposição no *campus* Maracanã e agora é itinerante: já esteve em Roma, Nápoles e Pian del Sole, na Itália, e no Brasil viajou por cidades dos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo. Agora a exposição está em Vassouras, onde fica até 24 de outubro, depois segue para São José dos Campos (SP) e retorna para atender em 2015 o circuito de outros municípios do estado, como Muriaé, Miracema, Porciúncula e Varre-Sai, município próximo da divisa do estado do Rio com Minas Gerais e Espírito Santo.

Na cidade do Rio de Janeiro, a Folia de Reis se manifesta em locais como o Morro do Chapéu Mangueira, o Morro da Babilônia em Copacabana e o Morro Dona Marta. Para Ricardo Lima, isso mostra como “a Folia está presente como expressão contemporânea: não é algo da zona rural, afastado, faz parte da sociedade. Muitos desses grupos, porém, são formados por migrantes de zona rural e aqui se tornam referência de família, de amizade, de vizinhança para sobreviver”. O fato de a UERJ estar levando a Itaperuna uma exposição de Folias de Reis dá outra dimensão à Universidade, segundo o professor, que assim atua como uma agência de formação e de influência sobre o que se pensa da vida e a realidade das pessoas.

de 30 oficinas com integrantes das cinco comunidades, que devem apresentar como produto final do trabalho uma carta relatando o que precisa existir para a promoção da saúde no lugar onde vivem. O NESA também desenvolve oficinas de arte e linguagem chamadas ‘Animação’ para jovens com algum tipo de dificuldade de aprendizagem. Com base nos encontros, o Núcleo elabora um mapa dos jovens das comunidades com esse problema e os estimula a desenvolver suas potencialidades através de jogos eletrônicos e alguns tipos de dinâmica. Segundo Fernanda Graneiro, o NESA “fez questão que as oficinas fossem realizadas dentro da UERJ para abrir as portas da Universidade à comunidade. Esses jovens precisam circular dentro de um ambiente que também é deles”.

Além das oficinas são oferecidos cursos de capacitação e atualização profissionais intitulados ‘Eixos Estruturantes para Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens’. Por meio dos cursos, profissionais da área da saúde e de instituições que trabalham com adolescentes e jovens dentro das comunidades podem ter acesso a conteúdos que tratem da saúde de adolescentes e jovens. Para 2014 estão programados dois cursos: o primeiro começou em 29 de julho e o segundo está previsto iniciar em outubro. Ao todo, são 18 módulos organizados todas as terças-feiras das 8h às 17h, com o total de 72 horas-aula. As inscrições são feitas sempre por e-mail.

Lançamentos da Editora

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO RIO DE JANEIRO: INSTITUIÇÕES, SABERES E SUJEITOS

José Gonçalves Gondra, Maria de Lourdes da Silva e Roni Cleber Dias de Menezes (orgs.)

O livro estimula a reflexão sobre o ensino da história da educação e sua relação com os programas de formação de professores a partir de dados coletados em acervos de pesquisa e do diálogo com as inquietações do presente. Traz uma seleção de textos escritos por pesquisadores de sete universidades que participaram do Ciclo de Palestras sobre o Ensino de História da Educação no Rio de Janeiro, realizado na UERJ em 2012.



METAFÍSICA E CONHECIMENTO: ENSAIOS SOBRE DESCARTES E ESPINOSA

Marcos André Gleizer

Este trabalho reúne ensaios do filósofo Marcos André Gleizer sobre temas da teoria do conhecimento e da metafísica nas obras de René Descartes e Baruch Espinosa. O livro apresenta os principais conceitos, as teses e os problemas epistemológicos e metafísicos formulados por esses dois expoentes do racionalismo moderno, ao investigar e diferenciar as estruturas conceituais e argumentativas com as quais os autores constroem suas respectivas filosofias.



BULLYING E CULTURA DE PAZ NO ADVENTO DA NOVA ORDEM ECONÔMICA

Leila Maria Torraca Britto

O livro aborda definições de bullying propostas por estudiosos de todo o mundo e os desdobramentos sociais e jurídicos desses conceitos no Brasil, como projetos de combate a este comportamento e justificativas legais. O volume trata da ascensão dos direitos humanos, da judicialização da sociedade e da cultura do politicamente correto entre os aspectos que passaram por significativas mudanças no contexto do desenvolvimento econômico e político que se estabeleceu a partir dos anos 1990.



DIÁLOGOS CURRICULARES ENTRE BRASIL E MÉXICO

Alice Casimiro Lopes e Alicia de Alba (org.)

Enquanto no Brasil o sentido do currículo está intrinsecamente associado ao debate sobre a educação básica, no México a discussão sobre o assunto está vinculada ao ensino superior. Essas diferenças são tratadas no livro escrito por professores dos dois países em um debate que ultrapassa fronteiras. Os ensaios abordam temas como organização curricular, cultura escolar, avaliação, formação dos professores, pesquisa e pós-graduação.



A REEMERGÊNCIA DE IDENTIDADES ÉTNICAS NA MODERNIDADE: MOVIMENTOS SOCIAIS E ESTADO NA BOLÍVIA CONTEMPORÂNEA

Alice Soares Guimarães

O livro é resultado da tese de doutorado defendida no IESP/UERJ enriquecida por pesquisa de campo realizada na instigante e, para muitos brasileiros, ainda pouco conhecida Bolívia. A autora reúne dados coletados no território dos plantadores de coca e bibliografia interdisciplinar, além de desenvolver reflexões bem articuladas, que oferecem uma visão multifacetada, realista e inédita do país vizinho. Nos diversos capítulos, aborda os fatores que fizeram da reemergência das identidades étnicas a base para a solidariedade social. Nesse contexto, o estudo analisa as relações entre Estado e sociedade, com ênfase nos desafios que os povos latino-americanos têm enfrentado nas últimas décadas ao lidar com questões centrais à vida social e política, como soberania, democracia e cidadania.



ADIB JATENE

Entrevistado por Eliete Bouskela e Maria Andréa Loyola

Diálogo com um dos grandes nomes mundiais da cirurgia cardíaca e referência nos campos do ensino, da assistência e da gestão de assuntos relativos à ciência da prevenção e à cura de doenças. O professor Adib Jatene relata experiências pessoais e profissionais, apresentando os desafios e as inovações propostas na área da cardiologia, além de tópicos relativos à saúde, ao ensino e às suas atividades políticas como Ministro da Saúde.



O CORPO REPRESENTADO: MÍDIA, ARTE E PRODUÇÃO DE SENTIDOS

Denise da Costa Oliveira Siqueira (org.)

Organizado pela professora da Faculdade de Comunicação Social da UERJ, Denise Siqueira, o livro trata da dimensão simbólica e cultural do corpo, tendo o espaço urbano e contemporâneo como palco privilegiado. A obra analisa as representações corporais em múltiplas subtemáticas midiáticas – como histórias em quadrinhos, cinema e revistas. Destaca o corpo como objeto da arte, especialmente da dança contemporânea, e o seu caráter urbano e experimental.



Gestão ambiental é exemplo de trabalho da UERJ na Estrada-Parque Paraty-Cunha

A Universidade do Estado do Rio de Janeiro participa da direção da gestão ambiental na obra de 9,5 quilômetros na Estrada-Parque Paraty-Cunha (RJ 165) realizada pelo governo do estado do Rio de Janeiro. O trabalho envolve monitoramentos, estudos e pesquisas para preservar o ecossistema do Parque Nacional da Serra da Bocaina. No total, são 47 quilômetros de estrada ligando a cidade de Paraty, na região da costa verde do estado do Rio de Janeiro, ao município de Cunha, no estado de São Paulo.

Para o trecho da obra no estado do Rio de Janeiro estão previstos investimentos de cerca de R\$ 90 milhões para o período entre março de 2013, quando a obra teve início, até o começo de 2015, data prevista para a sua finalização. Atualmente, cerca de 30% da pavimentação dos 9,5 quilômetros já estão concluídos. Estão em construção duas pontes pequenas e já foram finalizadas nove zoopassagens subterrâneas para a passagem de animais – além de ligar as duas margens da rodovia, elas devem reduzir os atropelamentos dos bichos. Quatro passagens aéreas com 13 metros de extensão também serão construídas para preservar a circulação dos animais que se deslocam pelas copas das árvores. A proposta é reforçar a segurança do ambiente e dos usuários da estrada.

Participam da obra quase 60 profissionais da UERJ – entre professores, pesquisadores e auxiliares de áreas como engenharia civil e ambiental, arqueologia, biologia e educação ambiental. Josué Setta, professor de Engenharia da Universidade e supervisor do Programa de Gestão Ambiental da Estrada-Parque, diz que a UERJ está mobilizada na construção da Estrada-Parque: “Estamos certos de que toda a diligência que temos está valendo a pena. O controle ambiental executado não detectou qualquer dano grave ao meio ambiente até o momento. Ainda há um tempo até a conclusão da obra, mas os relatórios e resultados obtidos indicam que estamos no caminho certo”.

A construção da Estrada-Parque é considerada uma obra diferenciada se comparada à construção de outras rodovias, pois acontece no interior de uma área que demanda cuidados ambientais (o Parque Nacional da Serra da Bocaina). Em obras desse tipo, a principal preocupação



é minimizar os impactos ao meio ambiente, por isso foi mantido o traçado original da estrada, de modo a evitar grandes movimentações de terra ou gerar alterações significativas na vegetação existente. Uma técnica especial foi usada para o desmonte de rochas: a de massa expansiva, que consiste em fazer um furo na rocha para inserir uma massa que incha até a abertura da pedra, o



que evita barulho excessivo e o lançamento de fragmentos. A pavimentação da pista também foi feita de modo diferenciado, em blocos intertravados (peças modulares de concreto com formas diversas que, dispostas em conjunto, criam grandes áreas pavimentadas

de superfícies) e adaptada às condições locais de modo a preservar o entorno. Segundo o professor Setta, tão importante quanto os cuidados de engenharia praticados na obra é a conscientização daqueles que vão trafegar ali: “A consciência do tráfego em uma Estrada-Parque é fundamental, pois é preciso ter atenção com animais, com a vegetação



Em setembro de 2014 as obras na Estrada-Parque foram paralisadas por uma discussão entre o Ministério Público Federal e os órgãos ambientais IBAMA e ICMBio. Segundo o professor Josué, “essa discussão é de natureza processual, visto que o MPF entende que os órgãos ambientais não cumpriram adequadamente os trâmites necessários para a concessão da licença de obra. São questões isoladas, independentes, mas que afetaram o que vinha sendo feito”. No final de setembro a obra estava no seguinte estágio: aproximadamente 30% da pavimentação pronta, 100% da drenagem pronta, aproximadamente 60% da contenção de encosta pronta, zoopassagens subterrâneas praticamente prontas e quatro zoopassagens aéreas não iniciadas. Os serviços de gestão ambiental continuavam em curso, com campanhas de monitoramento de fauna e flora sendo realizadas.

A paralisação da obra, ainda segundo o professor Josué, “traz riscos na medida em que a interrupção abrupta por ordem judicial não permite nem mesmo que se programe a paralisação. Assim, há material solto, frentes de obras abandonadas, encostas mexidas, restos de pedras ao longo da estrada. As chuvas podem carrear material para os cursos de água. Caso os recursos para a gestão ambiental sejam suspensos haverá interrupção nas pesquisas em curso, o que traz danos na construção das séries históricas de levantamentos, além de nos obrigar a retirar equipamentos. Também há riscos com a aproximação da temporada de chuvas (é uma região muito chuvosa e úmida)”.

No momento em que a obra estava paralisada, a equipe ambiental da UERJ recebeu a a notícia de que está entre aqueles que irão receber no dia 14 de outubro o Prêmio Crea-RJ de Meio Ambiente 2014 pelos estudos realizados na Estrada-Parque Paraty-Cunha.

nativa – com o ambiente de forma geral. Se queremos um ambiente melhor, cada um precisa fazer a sua parte. Não basta o cuidado dos governos na execução das obras. Todos devem compreender que trafegam em um espaço privilegiado, repleto de riquezas naturais”.

As pesquisas e o acompanhamento da fauna da região estão a cargo de 24 especialistas da área de Zoologia da UERJ, que analisam constantemente diversos tipos de animais. Os profissionais se distribuem em quatro grupos: ictiofauna (peixes); herpetofauna (anfíbios e répteis); aves e mamíferos (pequenos, médios, grandes e mamíferos voadores), além da equipe formada por dois biólogos e uma veterinária que cuida dos bichos atropelados e da realocação dos animais encontrados durante a realização da obra. “O trabalho na Estrada-Parque é de grande importância para que possamos conhecer as espécies viventes naquele *habitat*. A equipe de herpetofauna, por exemplo, descobriu uma população muito rara de anfíbio: a *Paratelmatobius gaigeae*. Também ocorreu o primeiro registro da espécie de morcego *Lamproncyteris brachyotis* no estado do Rio de Janeiro. Entre as espécies ameaçadas, foram capturados dois roedores *Blarinomys breviceps*, classificados como provavelmente

extintos no estado”, relata o professor Oscar Rocha-Barbosa, do departamento de Zoologia da UERJ e coordenador geral dos estudos sobre a fauna na obra da Estrada-Parque.

As variações na qualidade da água da bacia Perequê-açu e das sub-bacias dos rios do Sertão e Estiva Preta, próximos às obras da Estrada-Parque Paraty-Cunha, também estão sendo monitoradas por equipes da UERJ a fim de evitar danos. Integrantes do Programa de Controle de Qualidade da Água analisaram as eventuais variações na água, para verificar se a obra tem provocado danos ao meio ambiente. “Atualmente são acompanhados 12 pontos de coleta de água definidos pelo IBAMA. Para cada ponto são analisados 24 parâmetros de controle como odor, cor, turbidez e pH”, informa o professor Setta. Além da conservação da natureza, os profissionais envolvidos na obra da Estrada-Parque também têm cuidado da história da região com a preservação dos bens arqueológicos que podem ser encontrados na área, conhecida como “Caminho do Ouro” ou “Estrada Real”. Já foram encontradas no trecho da obra relíquias da época do império, da fase dos tropeiros, da circulação de ouro, de mercadorias e de escravos, que foram isoladas e identificadas.

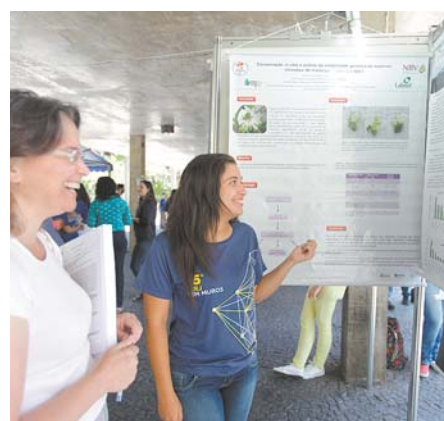
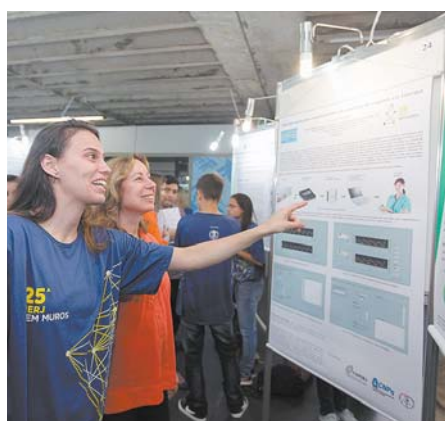
UERJ Sem Muros 2014 supera a marca de 2 mil trabalhos inscritos

A 25ª edição do UERJ Sem Muros evidenciou o aumento contínuo das atividades de graduação, pós-graduação e extensão na Universidade. Uma comparação entre 2012, quando 1.947 trabalhos foram inscritos, e 2014, com 2.242 inscrições distribuídas nas cinco mostras que constituíram a programação, mostra um crescimento superior a 15%.

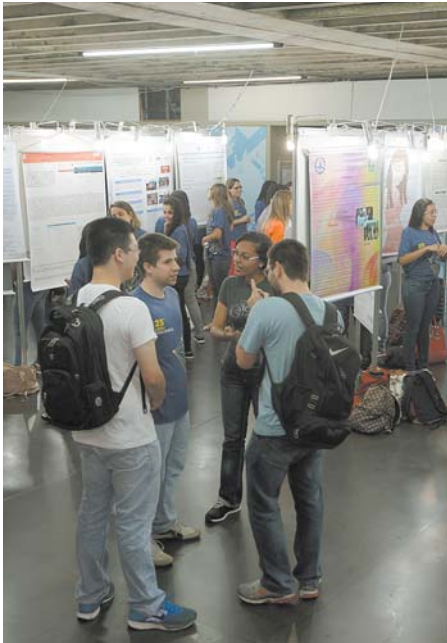
Entre os dias 22 e 26 de setembro os visitantes do UERJ Sem Muros – que incluíram cerca de 2.000 estudantes de Ensino Fundamental e Ensino Médio de 36 escolas públicas e privadas – tiveram acesso às produções de alunos da Universidade divulgadas em diferentes formatos: painéis e apresentações orais na 14ª Semana de Graduação, na 23ª Semana

de Iniciação Científica e na 18ª Mostra de Extensão; experimentos práticos no 11º Espaço Ciência; atendimentos de saúde na 25ª Feira de Prestação de Serviço. A programação cultural incluiu shows, apresentações do Coral da Universidade, dança e canto dos alunos da UnATI-UERJ, exposições e teatro.

No dia 5 de novembro serão conhecidos os melhores trabalhos de graduação, extensão e de Iniciação Científica, este ano Prêmio de Iniciação Científica Roberto José Avila Cavalcanti Bezerra, professor do Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes e fundador do Prociência, programa que institucionalizou a produção científica na carreira docente da UERJ.



ANDREIA RÉGO



Curso de Arqueologia começa com apresentações de professores italianos

Um ciclo de palestras com professores italianos foi uma das primeiras atividades do curso de graduação em Arqueologia da UERJ, que começou no primeiro semestre de 2014. Coordenado pelo departamento de Arqueologia, que está vinculado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, e pela Sub-reitoria de Extensão e Cultura, o evento contou com quatro palestras: nos dias 28 e 30 de maio com a Dra. Maria Stella Pisapia, da Soprintendenza Regionale della Campania; e nos dias 2 e 3 de junho com o Dr. Ugo Di Capua, da Restoring Ancient Stabiae (RAS), na Itália.

A professora Maria Stella abordou dois temas: “Pompéia – uma janela aberta sobre o passado” e “Vida cotidiana através de documentos arqueológicos”, enquanto as apresentações de Ugo Di Capua versaram sobre “Arqueologia subaquática” e “Cozinha romana no mundo antigo”. O curso de graduação em Arqueologia da UERJ é o mais novo da Universidade e para a Sub-reitora de Extensão e Cultura, Regina Henriques, “foi pensado para permitir a experimentação dos estudantes na realidade arqueológica, por meio de visitas, diálogos e discussões com outras áreas do conhecimento. Para atingir esse objetivo serão oferecidas disciplinas das



áreas de Geologia, Biologia, Matemática e Estatística e Engenharia”.

O Curso de Arqueologia da UERJ é oferecido em período integral (manhã e tarde) e está estruturado em oito períodos. O bacharelado pode ser concluído em no mínimo oito e no máximo 14 períodos. Com forte característica interdisciplinar, as disciplinas do curso estão distribuídas em dois grupos: no primeiro, aquelas de apoio à Arqueologia – como Análise e interpretação de textos em Arqueologia; Estatística Aplicada; Antropologia Cultural; Geologia Geral; Cartografia; Geotecnologia e

Geoprocessamento; Neontologia, Metodologia Científica, Geografia do Rio de Janeiro e História do Brasil. O segundo grupo reúne as disciplinas específicas de Arqueologia, como Introdução à Arqueologia; Pré-História Geral; Arqueologia da Antiguidade; Zooarqueologia; Laboratórios (curadoria de materiais, lítico, cerâmica, osso e concha); Teoria Arqueológica; Sociedades Indígenas Americanas; Metodologia da Pesquisa Arqueológica, Antropologia Biológica; Etnologia Brasileira; Arqueologia da América Antiga; Etnoarqueologia; Arte Rupestre; Arqueologia do Brasil

Antigo; Gestão de Patrimônio e Arqueologia Pública; Prática de Campo, Estágio Externo e Monografia.

Segundo o professor Paulo Seda, chefe do departamento de Arqueologia, a intenção é formar arqueólogos que possam entrar no mercado e trazer contribuições para a sociedade: “Todo grande empreendimento que realize movimentação de solo necessita, por exigência legal (Portaria nº 230/2002 do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN), de um trabalho prévio arqueológico. Qualquer achado precisa ser investigado, catalogado e classificado. Esta preservação é a grande contribuição dos profissionais da área à sociedade”.

O perfil desejado do aluno de Arqueologia na UERJ é que apresente “senso crítico e interesse em questões de patrimônio, história e humanidades, além de gosto pela leitura, escrita e pesquisa. O curso que pretende formar um profissional com sólida base de conhecimentos científicos, dotado de visão crítica da conjuntura econômica, social, política e cultural da região onde atua, e que esteja preparado para gerenciar diferentes projetos de pesquisa”, preocupando-se com a preservação dos vestígios arqueológicos no Brasil.

Minissubmarino vai operar na estação de ciência do mar em Ilha Grande

A UERJ e a fundação italo-americana RAS (Restoring Ancient Stabiae) estão concluindo mais uma etapa do convênio estabelecido em 2011: o uso conjunto de um minissubmarino de alto desempenho, com capacidade para três pessoas (piloto e dois tripulantes), que pode ser transportado inclusive via aérea. O submarino está prevista como parte da estação de ciências do mar, que será criada no Centro de Estudos Ambientais e Desenvolvimento Sustentável (CEADS-UERJ), na Ilha Grande, para a realização de pesquisas e atividades de extensão.

O submarino é do modelo SM 300, pesa 4.500 kg, atinge uma profundidade máxima de 300 metros e velocidade de quatro nós. Tem autonomia de trabalho de seis horas, câmeras na parte frontal e traseira e um braço manipulador HVAC HD5, com 819 mm de comprimento e

rotação de 360°, podendo elevar até 40 kg. O SM 300 possui um sistema de transponder que permite receber, amplificar e retransmitir sinal em uma frequência. O submarino é uma fonte de pesquisa autônoma, que pode ser transportada via aérea e marítima em container individual, “para todas as partes do mundo”, diz Ugo Di Capua, coordenador do departamento de Arqueologia Subaquática da Fundação RAS. O uso do equipamento está previsto para ser



compartilhado entre instituições italianas e brasileiras sob a coordenação da Fundação RAS e da UERJ. As estações favorecem a utilização do submarino nos dois países porque, completa Di Capua, “quando é verão na Itália não é no Brasil e vice-versa, possibilitando que pesquisadores dos dois países façam uso do equipamento”.

No início do convênio foi feito um levantamento extenso junto a um grupo de professores de diferentes áreas do conhecimento para identificar as áreas que poderiam utilizar o submarino como recurso de pesquisa. Um grupo de pesquisadores dos campos da

Biologia, da Saúde e da Geologia começou a traçar as primeiras metas para o uso compartilhado. O professor Marcos Bastos, diretor do CEADS, assumiu a coordenação pela UERJ e está articulando um trabalho na Estação Zoológica Anton Dohrn, que funciona em Nápoles e na Ilha de Ischia e será responsável pela coordenação das pesquisas no Mar Mediterrâneo, novos protocolos de pesquisa internacional e trabalhos de extensão.

A interlocução com a Fundação RAS indicou a possibilidade de intercâmbio permanente com outras universidades italianas, que resultou na instalação do escritório da UERJ na Itália em 2013 e estabeleceu uma rede colaborativa entre pesquisadores de instituições dos dois países coordenadas pela RAS e pela UERJ.

Construção do barco para pesquisas da Oceanografia entra na última etapa

A embarcação destinada a pesquisas e trabalhos acadêmicos, adquirida pela Faculdade de Oceanografia da UERJ, está em processo de conclusão, atualmente com previsão de entrega em março de 2015. O projeto – segundo os professores Marcos Bastos, diretor do Centro de Estudos Ambientais e Desenvolvimento Sustentável, e Marcos Fernandez, vice-diretor da Faculdade de Oceanografia – é um desejo da Faculdade desde a sua criação em 1977.

O barco está sendo finalizado no estaleiro da Indústria Naval do Ceará (Inace), a mesma empresa que construiu a embarcação da Universidade de São Paulo – a primeira do Brasil para a pesquisa oceanográfica universitária. O mesmo estaleiro está construindo as barcas que farão a travessia Rio-Niterói e Rio-Mangaratiba e Angra dos Reis-Ilha Grande. Em setembro foi concluído o casco da embarcação (que é construída de ponta-cabeça), sendo desvirado no mar para que a parte superior comece a ser montada. A produção entra agora em outro momento: da estruturação do convés e da instalação dos equipamentos necessários ao navio oceanográfico.

A concretização do barco foi viabilizada por recursos provenientes da FAPERJ, da Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), da Capes e da UERJ. O valor total previsto para a construção do navio, bem como a aquisição e instalação de equipamentos oceanográficos específicos para a demanda de pesquisa, deverá superar R\$ 7 milhões. Cerca de R\$ 4 milhões foram obtidos junto aos programas de fomento da FINEP e da FAPERJ e a UERJ entrará com a contrapartida de R\$ 3 milhões.

O navio segue o protótipo apresentado em 2012 durante o Congresso Brasileiro de Oceanografia, com base em especificações definidas em 2009. Com 30,5 metros de comprimento, 8 metros de largura, dois motores e dois geradores, essa é a primeira embarcação do estado do Rio de Janeiro construída exclusivamente para atividades acadêmicas. Sua capacidade para passageiros é de 30 pessoas para trabalhar durante o dia, além de seis tripulantes. Tem 12 acomodações para pernoite de pesquisadores e mais seis para tripulação. Embora esteja prevista a permanência em alto-mar por períodos de no máximo oito dias, o navio terá autonomia de até 11 dias à deriva. “A existência do navio da USP nos permitiu perceber melhor como o da UERJ seria e considerar algumas melhorias e ajustes”, diz o professor Marcos Bastos. Ele explica que um dos ajustes, por exemplo, se refere à instalação de equipamentos e estruturas destinadas à navegação, que permitirão melhor conforto dos passageiros, mitigando possíveis incômodos (como enjojo), o que irá resultar em melhor rendimento dos trabalhos realizados.

A construção do navio tem sido acompanhada de perto pelos professores da Oceanografia Marcos Bastos, Alexandre Azevedo, Ana Lucia Travassos Romano (diretora da Faculdade) e Marcos Antonio Fernandez (vice-diretor). Em reuniões com o estaleiro da Inace



tem sido discutido como a embarcação será montada, levando em consideração as especificações técnicas referentes à instalação dos equipamentos necessários para o uso da Universidade.

A compra do barco atende aos interesses de uma formação mais sólida dos estudantes da Oceanografia e possibilitará a concretização de projetos de outros cursos da Universidade, como a Biologia, a Geologia e cursos da área da saúde. No caso específico da Oceanografia, o vice-diretor Marcos Fernandez explica que todo aluno deve ter uma carga horária mínima embarcada de 180 horas. Os trabalhos em alto mar são viabilizados atualmente por parcerias com a Marinha do Brasil e com a Petrobras. A embarcação própria da Universidade vai permitir que essa carga horária aumente para 300 horas: “Assim como um hospital universitário é fundamental para a formação dos profissionais da área de saúde, uma embarcação de pesquisa é um laboratório flutuante, imperativa para a formação dos oceanógrafos

e de outros profissionais que atuam nas ciências do mar”, destaca o professor Marcos Bastos.

Previsto para navegar no estado do Rio de Janeiro, percorrendo mais de 600 km de costa, o navio é uma embarcação de pesquisa oceanográfica multiusuária, projetada para ter espaço no convés (área aberta na parte traseira da embarcação), onde ficarão os containers com qualquer tipo de laboratório, uma espécie de laboratório modular, o que irá possibilitar a realização de várias ações extensionistas ao longo do litoral. A ideia é levar a Universidade para todo o estado, não apenas em termos de pesquisa, mas também de ensino e extensão: “O resultado será que vamos colocar a UERJ no mar”, diz o professor Fernandez. Finalizado o barco, será preciso realizar uma prova de mar e o requerimento de registro de embarcação pela Marinha do Brasil. Segundo os professores, está sendo definida como será constituída a tripulação do navio, se por meio de licitação para terceirizar a mão de obra ou se por acordos com a Marinha.

Pesquisadores estudam manguezais na Reserva Biológica de Guaratiba

Pesquisadores do Núcleo de Estudos em Manguezais (NEMA) da UERJ que investigam o manguezal da Reserva Biológica Estadual de Guaratiba constataram que a sua migração para dentro do continente ocorreu devido à elevação do nível do mar causada pelas mudanças globais no clima. Além disso, segundo os pesquisadores do Núcleo, é alta a capacidade desse ecossistema de capturar dióxido de carbono (CO_2). Mais conhecido como gás carbônico, o CO_2 é essencial para o processo de fotossíntese das plantas, pelo qual os vegetais transformam a energia solar em energia química, mas em grandes concentrações é altamente poluidor da atmosfera.

A Reserva Biológica Estadual de Guaratiba está localizada na Baía de Sepetiba, distante cerca de 70 quilômetros da capital fluminense. A área foi selecionada como campo de estudo permanente em 1998, sobretudo pela sua proximidade com o *campus* principal da UERJ. Até hoje é o único manguezal do Brasil monitorado detalhadamente por mais de 15 anos e o modelo de estudo ali desenvolvido tem sido aplicado em outras áreas de monitoramento no estado do Rio de Janeiro, incluindo a Baía de Guanabara, e na extensão do litoral de Santa Catarina até o Pará. Integram a equipe do Núcleo os professores Mário Soares, Filipe Chaves e Gustavo Estrada (visitante), dez alunos de pós-graduação (mestrandos e doutorandos), estagiários e bolsistas de iniciação científica.

Cerca de três vezes por semana uma equipe do NEMA visita a Reserva de Guaratiba para fazer medições na vegetação, cujas árvores de raízes aéreas e retorcidas, equilibradas na lama e na água salobra, são fundamentais para o equilíbrio ambiental porque atuam como verdadeiros berçários naturais: ali, diversas espécies marinhas encontram condições ideais para reprodução e abrigo, contribuindo para a manutenção da diversidade biológica das zonas costeiras tropicais e subtropicais.

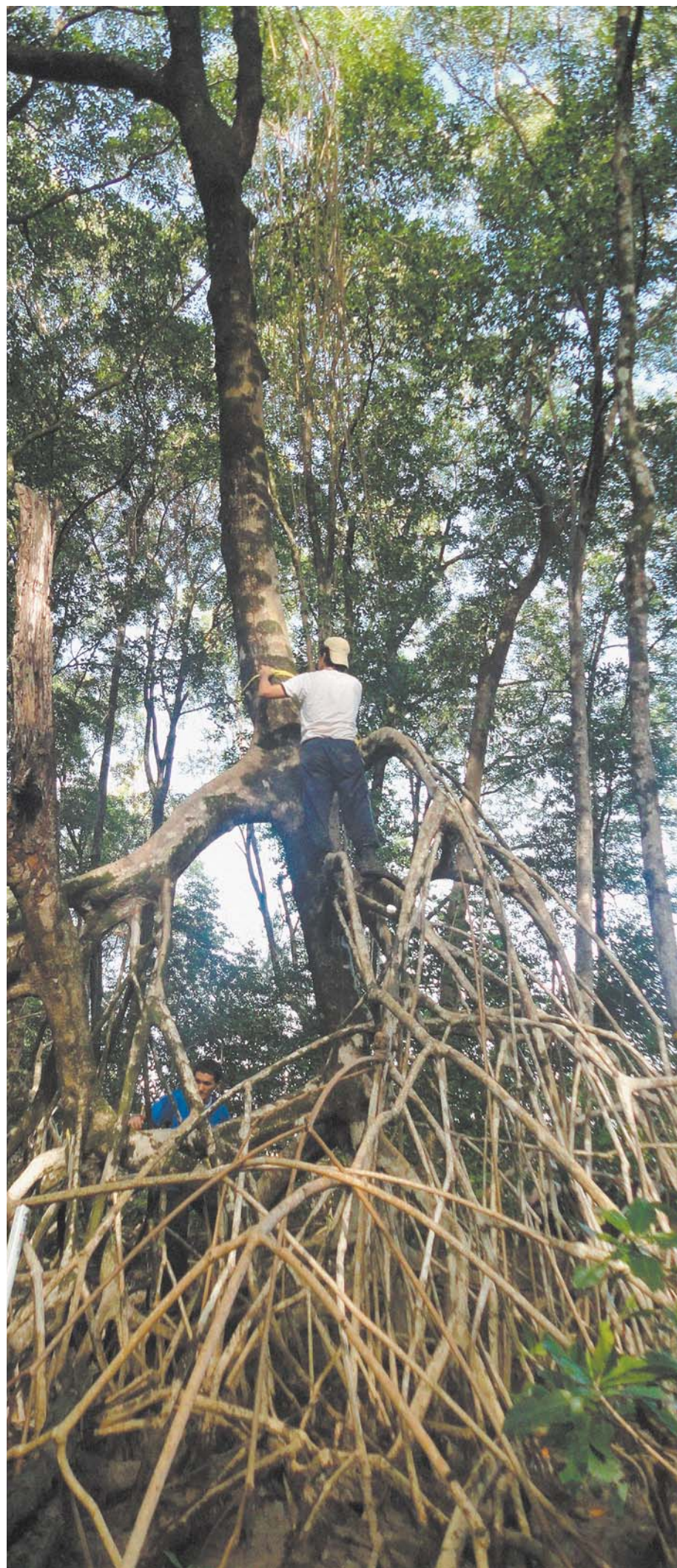
desconhecimento da sua importância e a percepção equivocada de que seriam ambientes nocivos à saúde levaram à destruição de boa parte dos manguezais. O professor Mario Soares, coordenador do NEMA e da Pós-graduação da Faculdade de Oceanografia, explica que, “no Brasil, do período colonial até a década

de 1950, a destruição dos manguezais se deu sobretudo pautada na visão de que essas formações seriam insalubres – por serem áreas inundadas, pantanosas, com muito mosquito, por exalarem mau cheiro devido à matéria orgânica que produzem, uma decomposição natural e necessária. Baseadas em desconhecimento e preconceito, foram feitas muitas obras de drenagem e de dragagem, com o intuito de ‘recuperar’ o que na verdade não tinha nada de degradado”.

Com poucas variações, estimativas mundiais apontam para uma taxa de destruição em torno de 25% – equivalente a cerca de 50 mil quilômetros quadrados – da área original de florestas de mangue. Embora as espécies desse tipo de ecossistema variem, os manguezais estão presentes em todas as regiões costeiras de clima tropical e subtropical do planeta. A maior área total de manguezais pertence à Indonésia. Em seguida, vem o Brasil, com a maior área contínua desse tipo de floresta, se estendendo do Maranhão ao Pará.

O acompanhamento do NEMA mostra que em Guaratiba a floresta avançou quase 100 metros continente adentro desde 1998. Para os pesquisadores do Núcleo, esse é um indício muito forte de que o nível do mar esteja se elevando, já que a inundação mais frequente das planícies hipersalinas (conhecidas como apicuns), com características desérticas e antes pouco hospitaleiras até mesmo para as espécies do mangue, é a explicação mais plausível para a instalação e a sobrevivência dessas espécies numa faixa de solo que não era ocupada permanentemente por esse tipo de floresta. Segundo o professor Mário Soares, “é natural que em períodos mais úmidos as chuvas diluam o sal do solo e as árvores consigam se estabelecer nas planícies salgadas. Mas o que temos observado é que após longos períodos de estiagem o manguezal da faixa hipersalina não morre. Isso só pode ser explicado pela maior frequência na lavagem desse tipo de terreno pelas marés”.

Além de berçário natural os manguezais têm várias outras funções. Do ponto de vista econômico, esse tipo de floresta protege a linha de costa de erosão, assoreamento, enchentes e também detém poluentes. Do ponto de vista social, os manguezais favorecem a pesca e o turismo, tanto pela manutenção da riqueza natural do lugar





como por compor um cenário exótico que hoje favorece a visão. O foco central dos estudos do NEMA, no entanto, tem sido a contribuição dos manguezais para a redução do aquecimento global, pela sua alta capacidade de captura de carbono atmosférico. Entre os fatores que impulsionam o aquecimento global – como o aumento da temperatura do planeta, que gera mudanças climáticas bruscas como fortes tempestades, além de verões e invernos mais rigorosos –, um elemento principal é a emissão de gases de efeito estufa, que absorvem e não deixam escapar a radiação infravermelha emitida pela superfície terrestre. Entre os gases de efeito estufa, o dióxido de carbono está entre os mais emitidos para a atmosfera, pois resulta da queima de combustíveis fósseis (petróleo, carvão natural e gás natural) utilizados em larga escala.

Para avaliar a quantidade de carbono armazenada nas espécies do manguezal – na biomassa aérea (parte das árvores acima do solo) e na biomassa subterrânea (raízes) – e no sedimento (lama), o NEMA desenvolveu vários modelos matemáticos. A aplicação desses modelos evidenciou que embora a quantidade de carbono abrigada na biomassa aérea dos manguezais seja praticamente a mesma abrigada por uma floresta tropical terrestre como a Amazônia, por exemplo, a quantidade de carbono na parte subterrânea e no sedimento é muito maior, por unidade de área, que a quantidade assimilada pelos sistemas terrestres. Para o coordenador do Núcleo, “o resultado do estudo comparativo aponta para a necessidade de conservação dos manguezais, no sentido de evitar que mais CO_2 vá para a atmosfera, e também de recuperação do que já foi destruído. Basicamente, o que ameaça hoje a conservação dos manguezais é a ocupação urbana e industrial da zona costeira, além do cultivo

do camarão marinho que tem sido estimulado principalmente no sudeste asiático, na América Central e no Brasil, e tem funcionado como estopim de vários conflitos socioambientais”. O professor lamenta que “esse tipo de monocultura ocupe de modo extensivo toda uma região apenas para atender a um mercado específico, seletivo mesmo, de alto poder aquisitivo. Isso significa a conversão de um sistema natural que beneficia todos e é capaz de gerar bens e serviços a muitas pessoas em um sistema destrutivo, voltado para um único fim e direcionado a um número restrito de consumidores”.

As atividades do NEMA têm contribuído com diversas unidades de conservação, principalmente via participação em conselhos consultivos e gestores dessas unidades: “No caso do extremo sul da Bahia, em Caravelas e Nova Viçosa, nossos estudos ajudaram a criar a Reserva Extrativista do Cassurubá. Também participamos do relatório do Painel Brasileiro de Mudanças Climáticas, que está em fase de conclusão e equivale ao Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas da ONU, mas é específico para o Brasil. O professor Gustavo Estrada, que integra a nossa equipe, está participando diretamente do Plano de Ação Nacional para a Conservação dos Manguezais, coordenado pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. Também realizamos estudos para a Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro sobre a vulnerabilidade dos manguezais da cidade em um cenário de mudanças climáticas e desenvolvemos o mesmo estudo para a região metropolitana como parte de um projeto internacional coordenado pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais. Como se vê, é uma constante do Núcleo tentar agregar o conhecimento adquirido a políticas públicas com vista a um retorno social”.

Sistemas de classificação e indexadores confirmam evolução da UERJ

Nos últimos anos, organizações vinculadas à área de educação têm organizado avaliações comparativas de instituições de ensino superior, estabelecendo rankings que são publicados periodicamente. Em 2004, o Laboratório de Cibermetria (da Espanha) passou a produzir e divulgar duas vezes por ano o Ranking Web of Universities, enquanto a Quacquarelli Symonds, empresa britânica especializada em educação e estudos no exterior (graduação e pós-graduação), começou a publicar anualmente o QS University Rankings. Em 2012 surgiram outros dois sistemas de classificação anuais: o do Center for World University Rankings e o Ranking Universitário Folha (restrito às universidades brasileiras), do jornal *Folha de S. Paulo*.

Avaliada por critérios como número de prêmios internacionais recebidos por ex-alunos e professores e número de egressos ocupando posições de liderança em grandes empresas (que juntos correspondem a 75% da nota para classificação), a UERJ atingiu em 2014 a 8ª colocação entre as universidades brasileiras no ranking organizado pelo Center for World University Rankings (CWUR). Os outros critérios que definiram as 1.000 melhores universidades do mundo nesse sistema de classificação foram o número de resultados de pesquisa publicados em revistas conceituadas, em revistas de grande influência e aqueles citados com maior frequência; o índice de produtividade e impacto das obras produzidas (h-Index) e o número de pedidos de patentes internacionais, com cada um desses itens correspondendo a 5% da nota final da avaliação.

Na avaliação mais recente do Ranking Web of Universities (*Webometrics*), divulgada em julho de 2014, a UERJ se classificou como a 15ª melhor universidade do Brasil e como a 27ª da América Latina. O resultado atesta o crescimento da Universidade, que na avaliação de 2013 estava em 18º lugar no Brasil e em

Brazil ranking	World Rank	University	Presence Rank*	Impact Rank*	Openness Rank*	Excellence Rank*
1	29	(2) Universidade de São Paulo USP	48	63	6	81
2	171	Universidade Federal do Rio Grande do Sul UFRGS	27	486	4	439
3	190	Universidade Estadual de Campinas UNICAMP	233	410	14	336
4	251	Universidade Federal do Rio de Janeiro	543	436	72	358
5	258	Universidade Federal de Santa Catarina UFSC	313	337	20	730
6	301	Universidade Federal do Paraná	115	434	49	838
7	319	Universidade Federal de Minas Gerais UFMG	518	619	47	456
8	328	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho	403	815	46	385
9	346	Universidade de Brasília UNB	640	432	23	848
10	483	Universidade Federal do Ceará	1228	570	157	876
11	492	Universidade Federal Fluminense	906	605	111	978
12	519	Universidade Federal da Bahia	494	839	106	1028
13	555	Universidade Federal de Pernambuco	252	1200	153	865
14	659	Universidade Federal de Goiás UFG	620	1297	75	1218
15	681	Universidade do Estado do Rio de Janeiro UERJ	1764	1331	223	740
16	689	Universidade Federal do Pará UFPA	1027	726	381	1472
17	734	Universidade Federal de Viçosa UFV	484	1630	150	1171
18	761	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul PUCRS	1115	1559	102	1171
19	781	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro PUC-RIO	1204	1109	521	1188
20	809	Universidade Federal de Uberlândia	302	2041	91	134

Fonte: <www.webometrics.info>

35ª na América Latina. O *Webometrics* mede a disseminação e o intercâmbio do conhecimento produzido pelas universidades. Interessa ao sistema de avaliação estimular a publicação e o oferecimento de acesso eletrônico livre na web. O website é iniciativa de um grupo de pesquisadores do Laboratório de Cibermetria, do Conselho Superior de Pesquisas Científicas (CSIC), vinculado ao Ministério da Educação da Espanha. Desde 2004 publica duas vezes por ano (em <www.webometrics.info/en>)

as avaliações de quase 22.000 instituições de ensino superior em todo o mundo.

A base da classificação do *Webometrics* não se refere ao número de acesso aos endereços das universidades com domínio independente, mas a indicadores como presença na web (número total de páginas sob um domínio principal); impacto (qualidade dos conteúdos oferecidos); visibilidade (número de links externos); abertura (esforço para criar banco de pesquisas) e excelência (trabalhos acadêmicos publicados em revistas internacionais).

World Rank	Institution	Country/Region	National Rank	Quality of Education	Alumni Employment	Quality of Faculty	Publications	Influence	Citations	Broad Impact	Patents	Score
131	University of São Paulo	Brazil	1	302	70	210+	62	182	114	162	737+	49.82
329	Federal University of Rio de Janeiro	Brazil	2	261	120	210+	304	326	493	402	181	46.08
437	University of Campinas	Brazil	3	355+	478+	210+	297	534	406	386	227	45.39
496	Federal University of Minas Gerais	Brazil	4	355+	462	210+	430	476	493	514	170	45.14
585	Federal University of Rio Grande do Sul	Brazil	5	355+	478+	210+	418	632	406	514	552	44.85
626	Federal University of São Paulo	Brazil	6	355+	478+	210+	515	616	406	536	737+	44.76
683	UNESP, São Paulo State University	Brazil	7	355+	478+	210+	352	655	493	690	552	44.67
845	Rio de Janeiro State University	Brazil	8	355+	478+	210+	754	856	493	783	637	44.45
852	Fluminense Federal University	Brazil	9	355+	300	210+	783	922	609	937	737+	44.45
894	University of Brasília	Brazil	10	355+	450	210+	785	777	800+	897	737+	44.40
898	Federal University of Santa Catarina	Brazil	11	355+	478+	210+	608	959	800+	869	737+	44.39
919	Federal University of Santa Maria	Brazil	12	355+	414	210+	985	974	800+	923	737+	44.37
925	Federal University of São Carlos	Brazil	13	355+	478+	210+	688	934	800+	889	737+	44.36
929	Federal University of Paraná	Brazil	14	355+	478+	210+	730	787	800+	889	737+	44.36
940	Federal University of Pernambuco	Brazil	15	355+	478+	210+	765	883	800+	948	373	44.34
964	Federal University of Ceará	Brazil	16	355+	478+	210+	826	806	800+	937	737+	44.31
967	Federal University of Bahia	Brazil	17	355+	478+	210+	981	856	609	937	737+	44.31
983	Federal University of ABC	Brazil	18	355+	478+	210+	952	904	609	966	737+	44.28

Fonte: <http://cwur.org/2014/brazil.html>

Por sua vez, no *QS University Rankings: Latin America*, lançado em 2011, a UERJ tem melhorado a sua classificação, que subiu da 55ª posição (nota 47,7) para a 38ª (nota 65,76) em 2012, depois para a 35ª (nota 68,2) em 2013 e para a 34ª posição (nota 75,2) em 2014. Essas avaliações são realizadas anualmente pela empresa Quacquarelli Symonds (QS) por meio de seus escritórios em diversas cidades e envolve mais de 2.000 instituições de ensino superior. A metodologia da QS se baseia em sete critérios, entre os quais a reputação acadêmica e a reputação de empregabilidade possuem maior peso (30% e 20%, respectivamente); o número de alunos na graduação e na pós-graduação; as citações em artigos; o número de artigos publicados; o número de profissionais com doutorado; e o impacto na internet. O *QS University Rankings: Latin America 2014* está disponível em <www.topuniversities.com/latin-american-rankings>.

No Ranking Universitário Folha, a UERJ avançou em qualidade de pesquisa e internacionalização, dois dos

cinco critérios utilizados em 2014. O desempenho contribuiu para que a Universidade subisse da 13ª para a 12ª colocação nos dois pontos em 2013 para a 8ª e para a 6ª colocação em 2014. A média final da Universidade também subiu de 85,04 para 85,63. Nessa classificação, a pontuação máxima que cada uma das 192 instituições brasileiras de ensino superior pode atingir segue a seguinte distribuição: 42 pontos em qualidade de pesquisa, 32 em qualidade de ensino, 18 em avaliação do mercado, quatro em internacionalização e quatro em inovação.

Em qualidade de pesquisa, a avaliação da *Folha de S. Paulo* considera o total de trabalhos científicos publicados, citações de artigos, citações por publicação, publicações por docente, citações por docente, publicações em revistas nacionais, captação de recursos para pesquisas e proporção de pesquisadores com elevada produção acadêmica. A qualidade do ensino é avaliada a partir de quatro subitens: proporção de professores

com doutorado e mestrado, de professores com dedicação exclusiva e parcial, nota no Enade e a opinião coletada pelo instituto de pesquisa Datafolha junto a 611 professores indicados pelo MEC para analisar a qualidade dos cursos superiores no Brasil. A avaliação do mercado é medida pelo desempenho de cada instituição em pesquisa com 1.970 responsáveis pela contratação de profissionais no mercado de trabalho (empresas, consultórios médicos, academias, hospitais, construtoras etc.), também realizada pelo Datafolha. No quesito internacionalização, a avaliação considera o número de citações de trabalhos da instituição por grupos de pesquisa internacionais e a proporção de publicações em coautoria internacional. O número de patentes solicitadas pela instituição (o direito de exclusividade para explorar comercialmente novas ideias) entre 2003 e 2012 equivale ao quesito inovação. O RUF é produzido anualmente desde 2012 e o ranking de cada ano está disponível em <ruf.folha.uol.com.br>.

Entrevista Sub-reitora Monica Heilbron (SR-2)

O que significa para a UERJ o 8º lugar em pesquisa e o 6º lugar em internacionalização no Ranking Universitário da Folha em 2014?

A UERJ tem se destacado na pós-graduação, na pesquisa e na questão da internacionalização. Em relação à pesquisa, a qualificação do corpo docente, com produção cada vez mais qualificada em produtos de excelência e com alto índice de impacto no exterior, está potencializando esse desenvolvimento na pesquisa e na pós-graduação. Na última avaliação da CAPES, muito positiva para os nossos programas, mostra que todos esses índices estão interligados: a pesquisa e o desenvolvimento da pós-graduação dependem da produção acadêmica do corpo docente e do seu grupo de pesquisa, que envolvem alunos de graduação, pós-graduação e pós-doutorandos e o sucesso dos nossos pesquisadores na captação de grandes projetos de pesquisa para a Universidade. Esses projetos normalmente permitem a construção de infraestrutura qualificada, de laboratórios de excelência, de alto desempenho, o que faz com que possamos produzir mais ciência de qualidade. A construção desses laboratórios de grande porte na

UERJ também resulta em maior cooperação internacional, porque vários estão no nível de excelência de laboratórios no exterior. Isso propicia um intercâmbio de cooperação real, não mais de dependência laboratorial, com grupos de pesquisa da UERJ e do exterior efetivamente cooperando, executando projetos de pesquisa conjuntos, inclusive em programas de cotutela, de dupla diplomação, na pós-graduação. Isso mostra o amadurecimento da Universidade em termos da pesquisa do país.

Quais são os laboratórios que operam nesse nível? Pode citar alguns exemplos?

Na área da grande cadeia de recursos energéticos (óleo e gás), por exemplo, temos laboratórios de ponta na Faculdade de Geologia, com três espectrômetros de massa de última geração – talvez o terceiro ou quarto equipamento na América Latina está na UERJ. Temos laboratórios de grande porte na área da Química, na Engenharia Química, na Politécnica de Friburgo, com laboratórios de corrosão, análises para aço, dutos, e uma ênfase em polímeros. Outra linha importante é a da mitigação ambiental vinda da exploração do óleo e do gás: são grandes

laboratórios que se conectam com a Biologia, a Oceanografia. Temos laboratórios interessantes da área de ciências de materiais, tanto no campus Maracanã como em Friburgo, da área de energias alternativas no Fonseca Teles. Temos um laboratório interessante de mecatrônica, na nossa Engenharia. Na área Biomédica, temos laboratórios importantes, como o centro de obesidade que está sendo construído; temos o laboratório de DNA, que é referência nacional; temos o laboratório de proteômica no IBRAG, que é outro laboratório de referência, com equipamentos de última geração: somos uma das pontas da rede de proteômica nacional. São esses laboratórios que geram grupos de pesquisa mais amplos que, por sua vez, vão gerar conhecimento nas revistas de referência aplicadas às áreas Biomédica e Tecnológica. Temos vários programas notas 5, 6 e 7 na área de Ciências Humanas e Ciências Sociais que dependem da boa articulação da Universidade, de uma bela biblioteca, do acesso ao portal de periódicos, mais até do que infraestrutura laboratorial. Penso que a Universidade está trabalhando corretamente ao dar apoio de infraestrutura para

essas grandes áreas, porque esse é o suporte necessário para o desenvolvimento das pesquisas.

Essa foi a principal mudança desde que assumiu a SR-2?

Tenho algumas medidas muito interessantes. Quando assumi a Sub-reitoria de Pós-graduação e Pesquisa, a Universidade conseguia em torno de R\$ 1,2 milhão nos programas CT-INFRA da FINEP. Hoje esses recursos chegam a R\$ 7 milhões, ou seja: está disputando recursos com as grandes universidades. Quando entrei aqui, a UERJ não disputava com nenhum Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia. Na primeira rodada, mandamos três propostas e ganhamos duas. Quatro ou cinco anos depois, mandamos sete propostas para Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia, o que mostra como essa consolidação permite a articulação necessária, porque para submetermos um projeto dessa envergadura é preciso haver articulação – não apenas um grupo, mas uma articulação de muitos grupos de pesquisa produtivos, com forte inserção internacional. Essa trajetória é clara e mostra a maturidade acadêmica da Instituição.

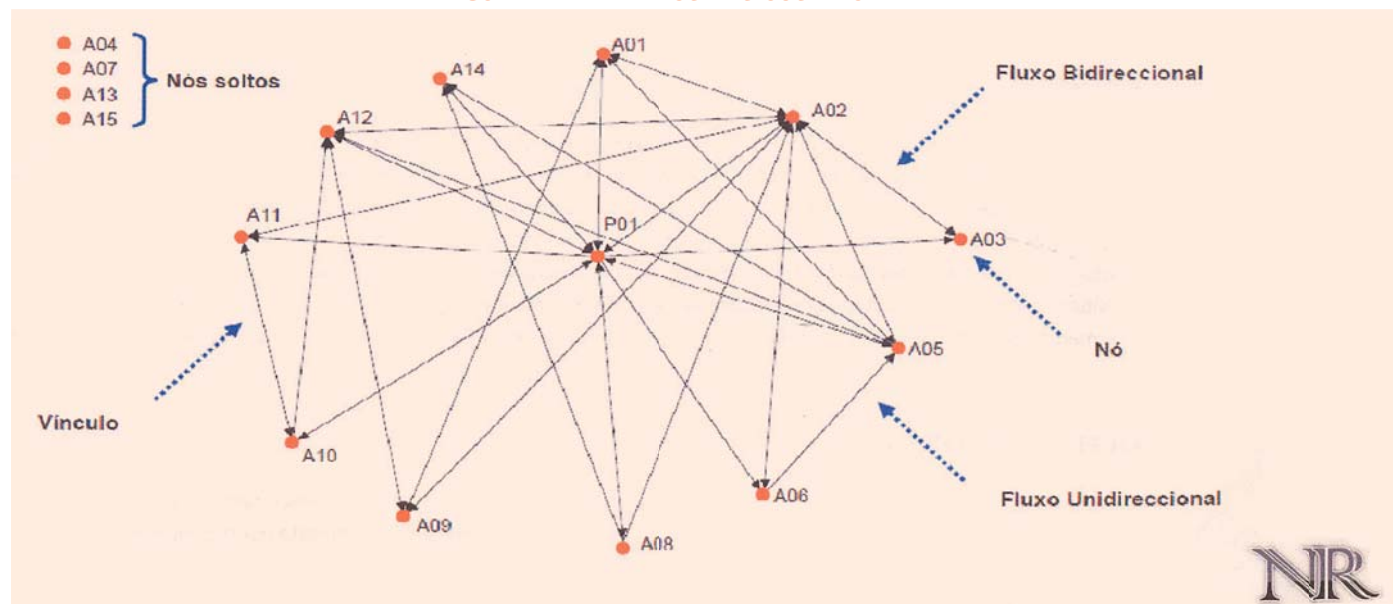
Metodologia de apresentação gráfica pretende contribuir para a gestão estratégica

A fim de colaborar com o gerenciamento estratégico da Universidade, o Departamento de Inovação, vinculado à Sub-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, desenvolveu uma nova metodologia de apresentação gráfica identificada como Núcleos de Referência (NR). Os NRs consistem na representação de dados relacionais, na qual cada ponto do gráfico significa o objeto referenciado pelos pontos nucleadores, dos quais e para os quais convergem ou divergem as ações. A diretora do InovUERJ, professora Marinilza de Carvalho, explica que para a aplicação dessa metodologia é usado o software UCINET, “programa abrangente para a análise de redes sociais e outros atributos, que permite um exame geral e multivariado e possui ferramentas de criação de escalas multidimensionais e de análises de correspondência, fatores, grupos e de regressão múltipla”.

O conceito de rede é fundamental para a produção e a interpretação do NR, entendido como um grupo de indivíduos que se relacionam de forma agrupada ou individual com uma finalidade específica, caracterizando-se pela constituição de fluxos de informação. As redes são formadas por três elementos básicos: nós ou atores (pessoas ou grupo de pessoas que se unem com um objetivo comum, representados por círculos); vínculos ou relações (laços que existem entre dois ou mais atores, representados pelas linhas); e fluxos, que indicam a direção do vínculo, representados por uma seta que mostra seu caminho (ver Figura 1). Segundo a professora, “esse conceito de redes funciona como ferramenta importante para representar as interações entre indivíduos ou grupos de indivíduos de forma ilustrativa e agradável”.

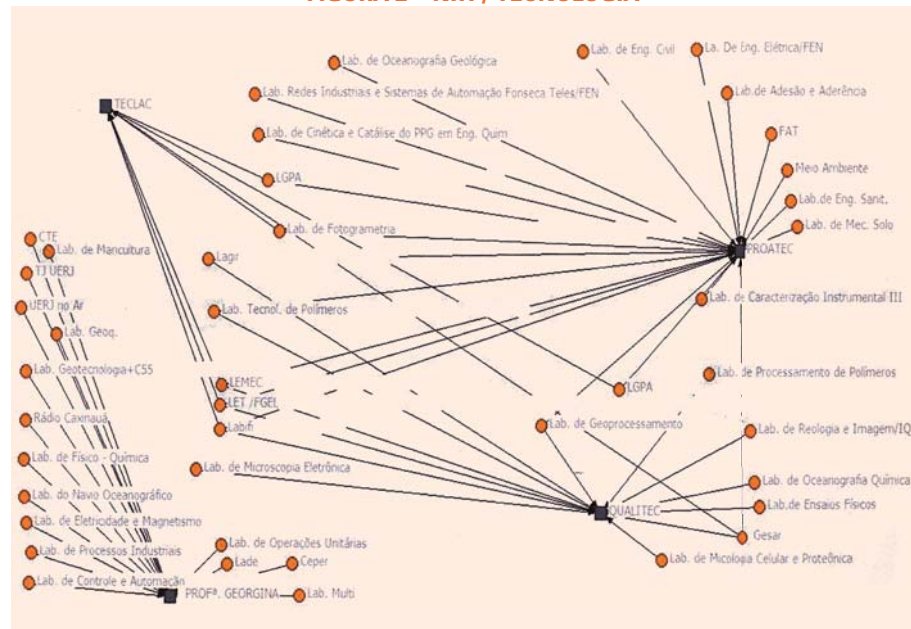
Entre as informações estratégicas que resultaram do uso da metodologia estão os dados referentes ao recebimento das bolsas dos projetos Qualitec, Proatec e Teclac pelos laboratórios da Universidade e o levantamento realizado pela professora Maria Georgina Muniz Washington, diretora do Centro de Tecnologia e Ciências, que mostra a necessidade das unidades por técnicos especializados. Uma ação derivada dessa metodologia foi realização de concurso público para 96 vagas de técnico, que

FIGURA 1 - ELEMENTOS BÁSICOS DE UMA REDE



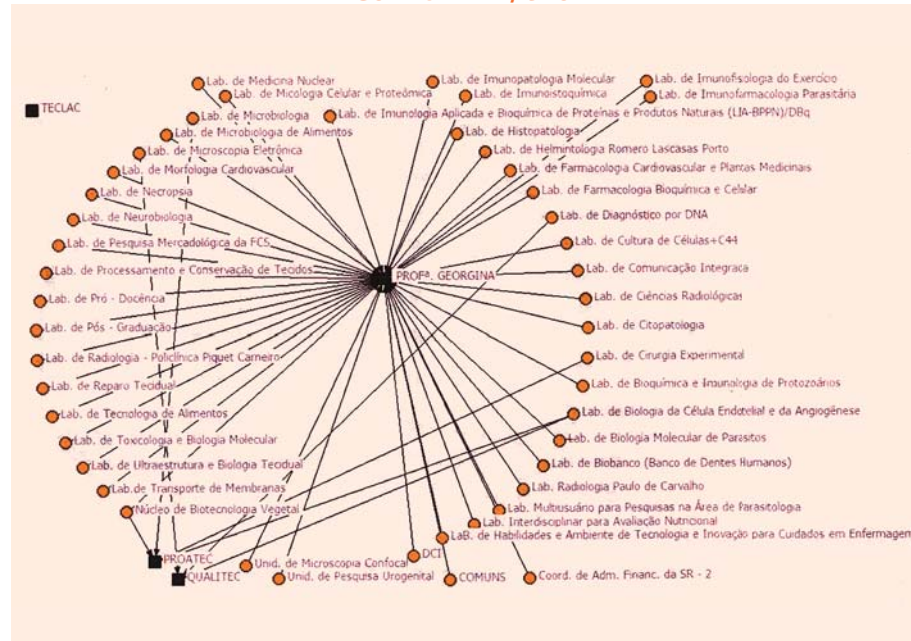
Fonte: InovUERI / SR2, 2014

FIGURA 2 – NR1 / TECNOLOGIA



Fonte: InovUERJ / SR2, 2014

FIGURA 3 – NR2 / SAÚDE



Fonte: InovUERI / SR2, 2014

podem ocupar os cargos preenchidos exclusivamente por bolsas de projetos. As bolsas oferecidas aparecem no NR1 (área tecnológica) e no NR2 (área de saúde) como os núcleos referenciadores.

Dessa forma, os Núcleos de Referência geram informações estratégicas que permitem avaliar as necessidades da Universidade, dos seus Centros Setoriais e dos seus laboratórios. A professora Marinilza acrescenta que “o objetivo dessa metodologia é fazer o mapeamento para ter uma visão geral da situação presente e assim podermos pensar ações estratégicas que melhorem a vida na Universidade”. O InovUERJ pretende oferecer treinamento a todos os diretores que estejam interessados em utilizar a metodologia do Núcleo em suas unidades. Compõem a equipe do InovUERJ responsável pela metodologia dos Núcleos de Referência os professores Marinilza de Carvalho e Antônio Carlos Ritto e os assistentes Lorena Albuquerque e Rafael Campos.

O InovUERJ foi criado em 2012 para gerar e manter uma linha de comunicação direta e produtiva entre as potencialidades acadêmicas e as demandas da sociedade. Nesse contexto, promove a inovação, o planejamento, a elaboração de procedimentos, os fluxos de informação, a formalização e a disseminação da cultura da propriedade intelectual e a prática de ações inovadoras, assim como o desenvolvimento de processos, produtos e serviços em parcerias internas, nacionais e internacionais, como incubadoras, empresas juniores e parques tecnológicos.